

RECENSÃO CRÍTICA

Jenifer Roberts, *GLASS — The Strange History of the Lyne Stephens Fortune*, Templeton Press 2003, xviii + 366 pp., £19.95

M. Gomes da Torre

A história da fábrica de vidro dos Irmãos Stephens tem sido abordada por vários investigadores, destacando-se entre eles Carlos Vitorino da Silva Barros, o historiador «oficialmente» encarregado da edição de luxo e de muito limitada tiragem (400 exemplares), *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande*, publicada para assinalar o segundo centenário daquela unidade industrial, ocorrido em 1969. Outros, em diversas datas que vão de 1937 até 1999, se debruçaram sobre a longa história da fábrica, o que, à primeira vista, poderia significar que tudo estava dito sobre o assunto. Jenifer Roberts acaba de provar que assim não é.

Motivada para o estudo da presença dos Stephens em Portugal pelas histórias que a avó lhe contou sobre uma fortuna fabulosa que teria existido entre os seus antepassados, a Autora quis averiguar a que verdade essas histórias correspondiam, investigando na Inglaterra e em Portugal. O resultado foi *Glass*, dividido em seis partes, cada uma subdividida em diversos capítulos, a que acrescem 17 pp. de notas, bibliografia escolhida e um índice remissivo.

O aspecto central da história trata da vida de William Stephens - filho natural de uma criada e de um mestre escola, nascido numa aldeia da Cornualha em 16 de Maio de 1731 - e da sua acção como industrial em Portugal, para onde veio em 1746 com o propósito de, durante 7 anos, aprender a prática comercial com um tio estabelecido na capital portuguesa. O jovem aprendiz revelou bem cedo ter jeito para os negócios e, daí para a frente,

lançou-se numa série de iniciativas empresariais, passando por uma fábrica de cal na área de Lisboa - um relativo fracasso - e terminando na Marinha Grande com a fábrica de vidros - um espantoso sucesso.

Até à parte 4, inclusive, o livro tem uma organização curiosa: os eventos ocorridos em Portugal são narrados numa sequência de 18 capítulos, intercalados por uma espécie de capítulos especiais em que a Autora nos dá conta de factos e ocorrências relacionados com as matérias abordadas nos capítulos mas acontecidos na Inglaterra e que nos são apresentados como *interludes*. Nas duas partes restantes, a 5 e a 6, os *interludes* deixam de aparecer devido, especialmente, ao facto de o que nos é narrado se desenvolver predominantemente na Inglaterra, sendo os seus protagonistas os parentes de William Stephens, herdeiros da sua enorme fortuna, acumulada especialmente durante o período em que Portugal foi governado pelo Marquês de Pombal, junto de quem o industrial britânico conseguiu obter tratamento privilegiado, nomeadamente a garantia de monopólio do fabrico e do comércio do vidro neste país.

De uma maneira, porventura simplista, poderá dizer-se que o conteúdo dos capítulos até ao fim da parte 4 repete, embora numa visão nova e complementada por dados de investigação obtidos na Inglaterra, o que outros historiadores portugueses já tinham feito. As duas partes restantes são a continuação daquilo que tem sido escrito em Portugal. Assim o leitor toma consciência mais clara da dimensão da fortuna Stephens, que parecia resistir a tudo, até aos devaneios do herdeiro *playboy* Stephens Lyne Stephens, que, à custa de muito dinheiro, conseguiu obter os favores da bela bailarina francesa Yolande Duvernay, após esta ter passado pelas mãos de um sucessão de homens ricos que a ela conseguiam acesso, também, através de somas avultadas que pagavam à mãe dela. Com ela veio Stephens a casar, dando-se na ex-bailarina uma transformação espantosa: de leviana aventureira passou a fervorosa católica, ao ponto de passar muitos dos seus últimos anos em quase reclusão voluntária e contribuindo generosamente para obras de caridade, sociais e religiosas. A este propósito aprende o leitor com este livro que a Church of Our Lady and the English Martyrs, erigida no coração de Cambridge entre 1885 e 1890, foi financiada inteiramente por Yolande. Dava para tudo o dinheiro gerado em Portugal, mesmo que apenas uma parte dele!

O interesse de *Glass* não reside apenas no seu conteúdo histórico. Reside também na forma clara e cativante como está

escrito, apresentando com frequência passagens que transformam a história em narrativa romanciada. Destaca-se a este propósito a descrição de ambientes e cenários que a autora, obviamente reconstituiu a partir das numerosas leituras efectuadas. A descrição do regresso de Philadelphia Stephens, irmã de William, a Lisboa, depois de uma estada na Inglaterra, é exemplo disso (p. 161): da varanda da sua casa a inglesa contempla a intensa actividade que se desenrola no largo fronteiro, um quadro que Jenifer Roberts pinta com indisfarçável gosto literário. O mesmo se pode dizer da narrativa da batalha das Linhas de Torres Vedras, comprazendo-se claramente a Autora na descrição dos feitos e da arte militar de Wellington.

Além de tudo isso, a forma como os factos são apresentados e encadeados prende a atenção do leitor até à última página.

Para o estudioso da história dos irmãos Stephens, *Glass* tem ainda o interesse adicional, e muito importante, de uma rica bibliografia onde está representada a componente portuguesa, complementada com numerosas fontes britânicas de que sem a investigação de Jenifer Roberts dificilmente teríamos conhecimento.

Uma última palavra deve ser dita acerca da qualidade da edição: além de muito bem organizada, apresenta um considerável número de ilustrações (gravuras antigas e fotografias - a Autora é uma fotógrafa premiada) que enriquecem o volume e o tornam ainda mais agradável.